

Reforço no ensino público

Da Redação

Orientadores educacionais são a nova aposta para o melhoramento do ensino público nas escolas do Distrito Federal. E o trabalho está recebendo reforço com a nomeação de 115 profissionais que irão complementar o trabalho dos educadores que atuam nas 620 instituições públicas de ensino fundamental e médio da região.

A medida foi tomada em função de decisão do governo do DF em tornar fixa a atuação dos orientadores educacionais em todas as escolas da rede de ensino pública. Até então as escolas contavam com equipes itinerantes de apoio, formadas por profissionais de pedagogia, psicólogos e orientadores. Com um cargo fixo no quadro dos profissionais das escolas, espera-se que a presença e atuação do orientador educacional torne mais eficiente o atendimento aos estudantes com dificuldade no aprendizado.

Até agora, 550 profissionais estão atuando. Somente em abril, 212 profissionais foram contratados. Com isso, o número de orientadores educacionais empossados já supera a meta esperada para este ano, que era a contratação de 289 orientadores educacionais. Segundo o governo, o trabalho vai contribuir significativamente para a melhoria do desempenho dos estudantes.

Capacitar alunos a transmitirem valores essenciais e morais a sua vida para a construção de uma cidadania ativa e participativa é a principal função de um orientador educacional. Compete a ele também, abrir caminhos,

auxiliar no processo de socialização, auto-estima, interação nos grupos e contribuir para a melhoria do processo educacional, como a redução dos índices de evasão, repetência, gravidez indesejada, uso indevido de drogas, e assim, promovendo a melhoria qualitativa do ensino. "O orientador educacional é um elo entre o aluno, a escola e a comunidade. Um papel fundamental para a melhoria no aprendizado da rede pública de ensino", diz o educador Paulo Bareicha, coordenador da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

■ Prevenção

Para ele, a função principal do orientador é atuar com uma mais ênfase na prevenção do problema do que no seu combate, mas diz que, no caso das escolas do Distrito Federal, o trabalho dos profissionais será um pouco diferente "Pena que foi uma medida tardiamente incorporada. Na periferia, eles vão apagar mais incêndios que plantar jardins", considera.

Segundo Bareicha, investimentos para a inclusão cultural, como feiras, integrando participações de ONG's e acompanhamento de psicólogos também seriam bem vistos em vez da implementação de medidas que somente visam minimizar os problemas que vêm ocorrendo constantemente. "Psicólogos também ajudariam na prevenção desses desvios de atenção na escola. Vários comportamentos acabam se transformando em uma mesma cultura de violência sendo que poderiam estar se transformando em uma cultura de criatividade", ressalta.



■ A ORIENTADORA PATRÍCIA VALE, QUE ATUA NO CEF I, NA ASA SUL, TRABALHA COM ENFOQUE NA ADOLESCÊNCIA E SEUS CONTEXTOS

ED ALVES